

Aula 6

Aspectos linguísticos da evolução
do latim ao português: fonologia
diacrônica (parte 2) – vocalismo

Meta

Apresentar os quadros de vogais do latim e do português, observando as principais divergências e os processos fonológicos responsáveis por tais diferenças.

Objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. identificar as principais alterações no quadro vocálico do ponto de vista diacrônico;
2. comparar o quadro vocálico do latim com o do português em busca de intersecções e diferenciações;
3. reconhecer as principais alterações no ritmo e no acento lexical do ponto de vista diacrônico.

Introdução

No que diz respeito ao vocalismo, estudo das transformações sofridas pelas vogais ao longo da sua evolução histórica, pode-se afirmar que a língua portuguesa, comparativamente à latina, apresenta um quadro de segmentos menos numeroso, devido à “perda” da quantidade (oposição longo/breve) como propriedade fonologicamente relevante. Por outro lado, inovou em relação ao latim ao estabelecer oposição entre dois tipos de vogais médias – as abertas e as fechadas. Nos termos de Tarallo (1990), as “perdas” foram compensadas pelo “ganho” de novas conquistas fônicas.

Para entendermos essas perdas e ganhos ao longo do tempo, é necessário descrever as vogais de acordo com a posição que ocupam em relação ao acento, uma vez que houve uma importante alteração no ritmo, o que tornou mais marcada a oposição entre tônicas e átonas. Tomemos o latim clássico como ponto inicial de referência.

O sistema vocálico do latim clássico

O sistema vocálico latino, em sua **variedade culta ou erudita**, era constituído de dez vogais em posição tônica. Essas vogais se opunham, basicamente, por três propriedades: (a) duração (longa ou breve); (b) altura (alta, média ou baixa) e (c) recuo (anterior, central, posterior). De acordo com Maurer Jr. (1962), o /a/, longo ou breve, era sempre aberto. Nas demais vogais, ao contrário, havia correspondência entre quantidade e timbre, uma vez que as longas tendiam a se realizar como fechadas e as breves como abertas.

Como se pode ter certeza da manifestação fonética de uma língua já morta há tanto tempo, como o latim? Uma resposta convincente a essa pergunta vem do depoimento dos gramáticos, que, a exemplo de Quintiliano e Sérvio, eram extremamente meticolosos na descrição da pronúncia de vogais e consoantes.

Variedade culta ou erudita

Variante do latim usada pelos romanos na literatura latina clássica.



Quintiliano

Foi um romano que viveu entre 35 d.C. e 100 d.C. e se notabilizou como professor de retórica. Sua obra mais famosa é *Institutos de Oratória*, na qual descreve as funções do *grammaticus*, o profissional a quem cabia ministrar, na antiga Roma, conhecimentos relativos ao “bom” uso da linguagem.

Sérvio

Foi um romano que viveu no final do séc. IV d.C. e se destacou como um grande gramático de seu tempo. Sua obra mais famosa são os comentários sobre Virgílio.

Observem-se os seguintes comentários sobre a oposição longa/breve (FARIA, 1970):

(01) *Longa esse duorum temporum, breuem unis etiam pueri sciunt.*
(Quintiliano)

Até as crianças sabem que as longas têm dois tempos e as breves, um.

Uocales sunt quinque, a, e, i, o, u. Ex his duae, e et o, aliter sonant producta e correptae. (Sérvio)

As vogais são cinco: *a, e, i, o, u*. Dessas, duas, *e* e *o*, têm produção alterada quando breves.



O macron (¯) é um sinal diacrítico colocado sobre uma vogal para indicar que essa mesma vogal é longa (tem emissão prolongada no eixo temporal). Seu oposto é uma braquia (ˇ),

diacrítico usado para representar uma vogal breve (ou curta). Em latim, uma longa corresponde, em tempo, à duração de duas breves (FARIA, 1970).

Em latim, a duração (oposição breve/longa) marcava a oposição de vários pares de palavras, o que constitui evidência de seu estatuto fonológico:

(02)	<i>mălum</i> (mal)	×	<i>mālum</i> (maçã)
	<i>lěuo</i> (erguer)	×	<i>lēuo</i> (aplainar)
	<i>līber</i> (livro)	×	<i>līber</i> (livre)
	<i>nōta</i> (marca)	×	<i>nōta</i> (conhecida)
	<i>lŭtum</i> (lodo)	×	<i>lūtum</i> (amarelo)

Além disso, a quantidade distinguia o nominativo e o ablativo da primeira declinação. Por exemplo, uma palavra como *rosă*, com vogal final breve, relacionava-se ao caso nominativo e, portanto, correspondia ao sujeito da sentença. A forma *rosā*, com vogal longa, manifestava o caso ablativo e tinha, na sentença em que ocorria, função de adjunto adverbial. Em (03), a seguir, dependendo da quantidade das vogais finais de *magna* (grande) e *pugna* (batalha), havia interpretações completamente distintas, uma vez que as funções sintáticas se alteravam radicalmente. Os exemplos são de Zágari (1988).

(03) *Sic magn/ă/ pugn/ă/ extrincta est.*

Assim se extinguiu uma grande batalha.

Sic magn/ā/ pugn/ā/ extrincta est.

Assim se extinguiu numa grande batalha.

Como se vê, se *magna* e *pugna* terminam em /ă/, correspondem ao sujeito (estão no nominativo), o que leva à interpretação de que foi a batalha que se extinguiu. Se essas mesmas palavras terminam em /ā/, sinalizam o caso dativo e, por isso, caracterizam o lugar em que algo ou alguém (o sujeito não está explícito) se extinguiu numa batalha (adjunto adverbial).

As vogais latinas também se diferenciam pelo recuo, pois havia contraste entre anteriores e posteriores (04a) e pela altura (oposição entre altas e médias, por exemplo), como se vê em (04b):

(04) a. *mētum* (medo) × *mōtum* (movimento)

b. *tōtum* (todo) × *tūtum* (seguro)

As dez vogais do latim clássico são dispostas como na **Figura 6.1**, o triângulo cardeal, que didaticamente representa a abertura da cavidade bucal e a área aproximada de articulação de cada vogal ao longo do espaço entre a língua e o palato.

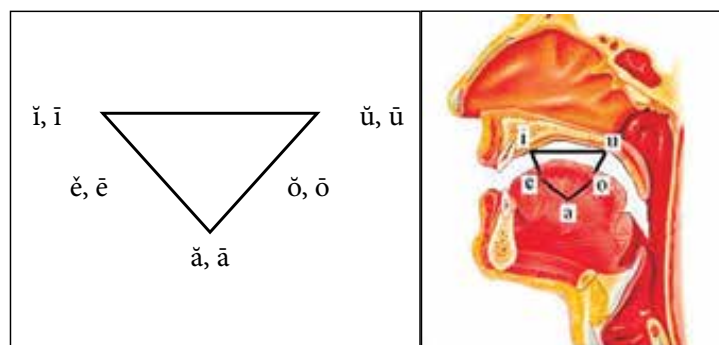


Figura 6.1: Sistema vocálico do latim clássico.

Cada vogal da variedade culta é devidamente classificada como:

/ă/: vogal baixa, central, breve;

/ā/: vogal baixa, central, longa;

/ĕ/: vogal média, anterior, breve;

/ē/: vogal média, anterior, longa;

/ĭ/: vogal alta, anterior, breve;

/ī/: vogal alta, anterior, longa;

/ŏ/: vogal média, posterior, breve;

/ō/: vogal média, posterior, longa;

/ŭ/: vogal alta, posterior, breve;

/ū/: vogal alta, posterior, longa.

Na próxima seção, comparamos o ritmo das variedades culta e popular com o objetivo de mostrar de que maneira o acento se manifestava nos dois “latins” e o motivo pelo qual passou a influenciar diretamente a qualidade das vogais.

Ritmo e acento: latim clássico e latim vulgar

De acordo com Joaquim Mattoso Câmara Jr. (1976), não foram as línguas neolatinas que neutralizaram a oposição de quantidade, tão produtiva no latim clássico. Nas palavras de Tarallo (1990, p. 95), “já no latim vulgar a quantidade das vogais havia perdido a função distintiva, dando lugar a um sistema prosódico acentual que se tornaria fonêmico nas línguas românicas”. Câmara Jr. (1976, p. 40) é ainda mais contundente ao ressaltar a relação entre acento e qualidade vocálica:

A intensificação do acento destruiu esse delicado jogo quantitativo no latim vulgar. Ao mesmo tempo, as vogais passaram a ser condicionadas pela incidência ou não do acento. Assim se eliminou a quantidade como traço vocálico distintivo e se estabeleceram três quadros diversos para as vogais, conforme tônicas, pretônicas ou átonas finais.

Pela citação, percebe-se que o latim vulgar neutralizou a oposição de quantidade – traço de difícil assimilação para falantes de línguas tão variadas com que os romanos entraram em contato durante as conquistas. Em compensação, houve modificação no ritmo da variedade culta, fazendo com que o acento deixasse de ser foneticamente regulado pela duração das sílabas e passasse a ser fonologicamente determinado pela intensidade.



Perceba que o acento, extremamente previsível e determinado pelo peso da penúltima sílaba, passou a relativamente imprevisível, manifestando-se, sobretudo, pela intensidade, o que tornou mais marcada a oposição entre tônicas e átonas (e mesmo entre átonas).

Maurer Jr. (1962, p. 65) observa que, no latim clássico, todas as sílabas são pronunciadas com igual intensidade, sendo a tônica emitida num tom mais alto. Em favor de tal posição, o autor apresenta os seguintes argumentos:

- a métrica latina possuía ritmo quantitativo, não havendo tratamento diferenciado para sílabas tônicas e átonas;
- autores do período clássico aplicavam com correção o sistema quantitativo de vogais latinas;
- a própria descrição do acento feita por gramáticos antigos caracterizava o ritmo dessa variedade como predominantemente silábico.



Em todas as línguas a fala possui um ritmo, que se encaixa em um de [dois] tipos. No ritmo silábico, caso do francês e do espanhol, as sílabas têm todas a mesma duração. No ritmo acentual, as sílabas têm durações diferentes, mas o intervalo de tempo entre as sílabas tônicas é regular. É o caso da língua inglesa (RITMO, 2016).

Ainda de acordo com Maurer Jr. (1962, p. 66), não é fácil estabelecer uma data precisa para o surgimento do acento de intensidade no latim vulgar. A respeito da coexistência dessas diferentes manifestações do acento, o autor nos apresenta evidências de que “o acento no latim urbano era entonado da mesma forma que o fazia o grego”, língua de ritmo silábico. Salienta, por fim, que havia uma clara oposição “à fala rústica (vulgar) do entorno da cidade de Roma”, cujo ritmo, ao que tudo indica, era acentual.

Na variedade culta, não havia oxítonas. A esse respeito, assim se posiciona Quintiliano (1º séc d.C.): “*ultima syllaba nec acuta*” (a última sílaba nunca é aguda – leia-se acentuada). Como o acento não incide em sílabas finais, dissílabos são sempre paroxítonos (as tônicas, doravante, estarão sublinhadas), seja a sílaba acentuada leve ou pesada: *fāctu* (fato), *lŭpu* (lobo), *rēte* (rede), *cĭtu* (cedo), *brĕues* (breves), *cæcu* (cego), *nĕrviiu* (nervo), *fĭcu* (figo). Sílabas leves são sílabas sem coda (consoante em posição de travamento, pós-vocálica) e com núcleo preenchido por vogal breve, a exemplo das sílabas iniciais de *lŭpu* (lobo) e *cĭtu* (cedo).

Sílabas pesadas, por sua vez, ou apresentam um constituinte em coda, como *něrviu* (nervo) e *factu* (fato), ou apresentam vogal longa no núcleo, a exemplo de *rete* (rede) e *ficu* (figo).

Nas palavras trissilábicas e polissilábicas, o acento podia incidir na penúltima ou na antepenúltima sílaba, a depender do peso da penúltima. Se essa sílaba fosse pesada (isto é, apresentasse coda e/ou vogal longa no núcleo), o resultado era uma palavra paroxítona. Caso contrário, isto é, se a penúltima sílaba fosse leve (não apresentasse coda e tivesse núcleo preenchido por vogal breve), o resultado era uma proparoxítona:

(05)	paroxítonas	proparoxítonas
	<i>sc<u>u</u>tu</i> (escudo)	<i>pu<u>l</u>ica</i> (pulga)
	<i>sup<u>e</u>rbia</i> (soberba)	<i>acu<u>u</u>la</i> (agulha)
	<i>carit<u>a</u>te</i> (caridade)	<i>lep<u>o</u>re</i> (lebre)
	<i>secr<u>e</u>tu</i> (segredo)	<i>pers<u>i</u>cu</i> (pêssego)
	<i>prof<u>e</u>ctu</i> (proveito)	<i>vir<u>i</u>de</i> (verde)
	<i>eccl<u>e</u>sia</i> (igreja)	<i>reg<u>u</u>la</i> (regra)
	<i>mag<u>i</u>ster</i> (mestre)	<i>int<u>e</u>gru</i> (inteiro)
	<i>sp<u>e</u>ctrum</i> (fantasma)	<i>cal<u>i</u>du</i> (quente)
	<i>adu<u>e</u>rsu</i> m (avesso)	<i>deb<u>i</u>ta</i> (dívida)
	<i>am<u>a</u>tu</i> (amado)	<i>pop<u>u</u>los</i> (povos)

O acento era previsível na variedade culta porque as palavras podiam ser paroxítonas e proparoxítonas, classificação determinada tanto pelo tamanho do vocábulo (dissílabos) quanto pelo peso da penúltima sílaba (trissílabos e polissílabos). Vale lembrar que as geminadas participam de duas sílabas, sendo *onset* da última e coda da penúltima, o que torna essa sílaba pesada e, portanto, acentuada (seja a vogal breve ou longa):

(06)	<i>sp<u>i</u>ssu</i> (fino)	<i>uerec<u>u</u>nnia</i> (vergonha)
	<i>cap<u>i</u>llu</i> (cabelo)	<i>st<u>e</u>lla</i> (estrela)

O quadro que segue resume o comportamento do acento na variedade culta:

Quadro 6.1: Posição do acento no latim clássico

Última sílaba	Duas sílabas	Três ou mais sílabas	
Jamais acentuada	Acento na primeira sílaba (leve ou pesada)	Penúltima pesada	Penúltima leve
		Acento nesta sílaba	Acento na anterior
	<i>sŏcru, prātu</i>	<i>marītu, aduĕrsu</i>	<i>apicŭla, barbāru</i>

Já dissemos que o latim vulgar não conservou a oposição de quantidade do clássico e inovou em relação a essa variedade no que diz respeito ao ritmo, que passou de silábico a acentual. O que os autores – Câmara Jr. (1976), Maurer Jr. (1962), Tarallo (1990), para citar apenas alguns – chamam de “fonologização do acento de intensidade” levou a uma série de alterações no vocalismo átono já no próprio latim vulgar.

Em primeiro lugar, um processo fonológico já comentado na aula anterior – apócope do /e/ final, longo ou breve, subsequente a segmentos contínuos alveolares, ou seja, /n, l, s, r/ – provocou a ressilabificação da última consoante, que passou de *onset* a *coda*, e, com isso, tornou a sílaba final acentuada, dando origem a palavras oxítonas:

(07) *amāre* > *amar* *fidĕle* > *fiel* *leōne* > *leon* *crŭce* > *cruz*
potĕre > *poder* *legāle* > *legal* *cāne* > *can* *fāce* > *faz*
debĕre > *dever* *anĕle* > *anel* *pāne* > *pan* *lŭce* > *luz*
colōre > *color* *canāle* > *canal* *ratiōne* > *ratsion* *rapāce* > *rapaz*

Por outro lado, como bastante atestado no Appendix Probi, as propároxítonas tendiam a se realizar como paroxítonas, em função da síncope de vogais em sílaba postônica (os números a seguir são das próprias glosas; há, na lista, inúmeros outros casos, além dos exemplificados aqui):



Appendix Probi

Lista de 227 correções em que se confrontavam, lado a lado, as duas variedades de língua, num esquema do tipo “diga X não diga Y”.

- (08) 3. *Speculum non speclum.*
 4. *Masculus non masclus.*
 5. *Vetulus non veclus.*
 8. *Articulus non articlus.*
 10. *Angulus non anglus.*
 36. *Barbarus non barbar.*
 53. *Calida non calda.*
 54. *Frigida non fricda.*
 201. *Viridis non virdis.*

Pode-se perceber, até aqui, que o acento não mudou de lugar de uma variante para a outra; o que ocorreu foi o enfraquecimento das átonas, que caíram e, com isso, modificaram a estrutura da sílaba e, conseqüentemente, a posição da tônica. Casos efetivos de deslocamento do acento, no entanto, foram comuns quando as sílabas finais apresentavam *onset* complexo (grupo consonantal). Nessa situação, especificamente, ocorreu o fenômeno da diástole – deslocamento do acento para a sílaba seguinte:

- (09) *colŭbra* > *colobra* (cobra) *tenĕbras* > *tenebras* (trevas)
intĕgru > *integru* (inteiro) *cathĕdra* > *catedra* (cadeira)

Ao que tudo indica, o latim vulgar tendeu à rejeição a proparoxítonas, do mesmo modo em que tornou ainda mais frequente a incidência do acento na penúltima sílaba. Além disso, reconheceu o acento nas

sílabas finais, desde que essas terminassem nas seguintes codas alveolares: /n, l, s, r/. Por tudo isso, o acento realmente fonologizou na variedade popular. O **Quadro 6.2** resume o comportamento do acento no latim vulgar:

Quadro 6.2: Posição do acento no latim vulgar

Antepenúltima sílaba	Penúltima sílaba	Última sílaba
Pouco acentuada (ou não acentuada)	Acentuada como na variedade culta <i>bonit<u>a</u>te, pr<u>a</u>tu</i>	Acentuada em função da apócope de /e/ <i>ap<u>r</u>ile > april</i>
Glosa 149 do <i>Appendix Probis</i> : <i>p<u>er</u>sica non p<u>er</u>ssica?</i> <i>p<u>er</u>ssica?</i>	Resultado da síncope: Glosa 142 do <i>Appendix Probis</i> : <i>st<u>a</u>b<u>u</u>lum non st<u>a</u>blum</i> Resultado da diástole: Glosa 177 do <i>Appendix Probis</i> : <i>c<u>o</u>l<u>u</u>bra non col<u>u</u>bra</i>	<i>ap<u>r</u>ile > april</i> <i>rap<u>a</u>ce > rapaz</i> <i>serm<u>o</u>ne > sermon</i>

Em relação às vogais, é extremamente difícil determinar de que maneira a oposição longa/breve se desfez, de fato, uma vez que o latim vulgar não foi uniforme. Ele abarcou inúmeras variedades diatópicas (relacionadas às diferentes regiões em que o latim foi falado) e diastráticas (relacionadas aos variados grupos sociais que tinham o latim como língua nativa ou de cultura).

Na **Figura 6.2**, aparecem as correlações entre as vogais do latim clássico e do latim vulgar:

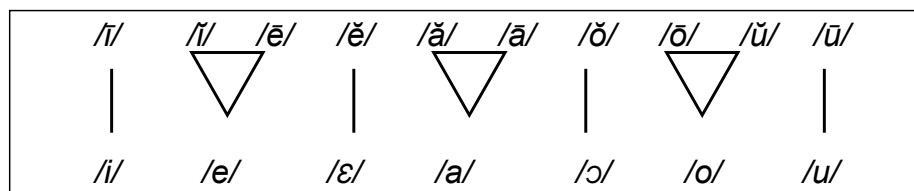


Figura 6.2: Correlações entre as vogais do latim clássico e do latim vulgar.

Como Zágari (1988), acreditamos que esse esquema de correlações de modo algum pode caracterizar o latim vulgar como um todo, uma vez que (a) nem todas as línguas neolatinas apresentam médias abertas;

(b) a reinterpretação da quantidade ocorreu de modo diferenciado nas várias línguas evoluídas do latim vulgar; e (c) a escolha desse esquema “tem sabor pessoal e torna-se preconcebido, pois o situa como prioritário por continuar as línguas românicas ditas ‘mais civilizadas’.” (p. 69).

Porém, se considerarmos que o esquema representa a variedade de língua latina evoluída para o português, a **Figura 6.2** torna-se mais consistente, pois, de fato, as vogais breves têm correspondentes mais baixos em nossa língua (*lūtum* > l[o]do; *cītu* > c[e]do). Além disso, as médias breves estão na base da criação das médias abertas /ɛ/ e /ɔ/ (*mēle* > m[ɛ]l; *rōta* > r[ɔ]da) e também sofreram um processo fonológico muito comum na transição latim-português: a metafonia.



Metafonia e harmonização vocálica

A metafonia é um processo de assimilação a distância que envolve vogais. Esse fenômeno fonético e fonológico consiste na alteração do timbre de uma vogal tônica pela influência de outras vogais próximas. Trata-se, portanto, de uma espécie de harmonização vocálica, pois uma vogal exerce pressão para que outra, em sílaba adjacente, aproxime-se dela em algum aspecto articulatório.


Na harmonização vocálica, a pressão parte da tônica, a exemplo do que ocorre na palavra *coruja*, em que a pretônica tende a realizar-se alta, [u], em decorrência da presença de uma alta, [i], na tônica.

A reinterpretação da quantidade pela altura acarretou a neutralização (perda de contraste) entre altas breves e médias longas, ambas realizadas como médias fechadas, a exemplo de *sīccu* > s[e]co, *placēre* > praz[e]r (vogais anteriores) e *lūpu* > l[o]bo, *flōre* > fl[o]r (vogais posteriores). Outra diferença relevante é a confluência das vogais baixas (*pāce* > p[a]z, *āqua* > [a]gua), agora realizadas como um único segmento, /a/.


Por fim, temos a grande inovação em relação ao latim culto: a existência de médias abertas, fruto da evolução das médias breves, como em *dēce* > d[ɛ]z e *lōcu* > l[ɔ]go. A seguir, apresentam-se exemplos de cada correspondência estabelecida na **Figura 6.2**:

(10)


/ī/ > /i/: *fīcu* > f[i]go; *amīcu* > am[i]go; *uicīnu* > viz[i]nho; *uīta* > v[i]da

/ī/  /e/: *cītu* > c[e]do; *sīccu* > s[e]co; *pīllu* > p[e]lo; *nīgru* > n[e]gro
/ē/ *crēdo* > cr[e]io; *sapēre* > sab[e]r; *placēre* > praz[e]r

/ē/ > /ɛ/: *sēpte* > s[ɛ]te; *fērru* > f[ɛ]rro; *dēce* > d[ɛ]z; *pētra* > p[ɛ]dra

/ā/  /a/: *pāce* > p[a]z; *grātia* > gr[a]ça; *locāle* > lug[a]r; *ānsa* > [a]sa
/ǎ/ *ǎqua* > [a]gua; *lǎtu* > l[a]do; *ǎues* > [a]ves; *mǎre* > m[a]r

/ū/ > /u/: *cūio* > c[u]jo; *acūtu* > ag[u]do; *uirtūte* > virt[u]de; *frūctu* > fr[u]to

/ū/  /o/: *mūscu* > m[o]sca; *tūrri* > t[o]rre; *crūsta* > cr[o]sta; *lūpu* > l[o]bo
/ō/ *scōpa* > esc[o]va; *famōsu* > fam[o]so; *colōre* > c[o]r; *flōre* > fl[o]r

/ō/ > /ɔ/: *prōba* > pr[ɔ]va; *nōtūla* > n[ɔ]doa; *lōcu* > l[ɔ]go; *pōtet* > p[ɔ]de

As correspondências exemplificadas de modo algum devem ser interpretadas como categóricas; antes, têm de ser vistas como tendências gerais de evolução que podem não ocorrer por diversos fatores, desde condicionamentos fonológicos a motivações de ordem morfológica ou mesmo lexical (isso sem contar os contraexemplos de difícil explicação). Nosso propósito, portanto, é o de descrever os casos mais regulares, explicando as exceções sempre com base em fatores fonológicos.

Vogais tônicas: do latim ao português

Na série tônica, as correspondências apresentadas na **Figura 6.2** podem não ocorrer em função da metafonia.

Na metafonia, uma vogal átona é o gatilho da modificação da tônica. Silveira (1964) salienta que as átonas finais, por desempenharem importantes funções morfológicas na língua, acabaram influenciando a realização das tônicas. Desse modo, a metafonia, numa perspectiva histórica, corresponde à mudança no curso normal de evolução das vogais tônicas por influência das átonas finais.

Ressaltamos que as médias breves, /ě, ǒ/, têm correspondentes abertos em português, /ɛ, ɔ/. No entanto, há situações em que essas vogais evoluem para fechadas, quando a átona subsequente é alta. Nos dados a seguir, ocorre o alçamento da tônica em um grau, ou seja, a esperada média aberta realiza-se como fechada, como se vê nos exemplos e na representação via triângulo cardeal:

- (11) *mētum* > m[e]do *fōrtia* > f[o]rça
pēsīcu > p[e]ssego *iōcu* > f[o]go
pērdīta > p[e]rda *cōrpu* > c[o]rpo
prētīu > pr[e]ço *hōdie* > h[o]je
cerēsīa > cer[e]ja *fōlia* > f[o]lha

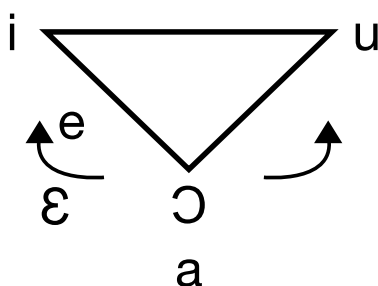


Figura 6.3: Alçamento por metafonia (um grau): de média aberta à média fechada.

Médias longas, /ē, ō/, também se elevaram quando seguidas de /i, u/, igualmente caracterizando o alçamento em um grau:

- (12) *dēbīta* > d[i]vida *testemōnia* > testem[u]nha
fēci > f[i]z *pōtuit* > p[u]de
vēni > v[i]m *pōsui* > p[u]s

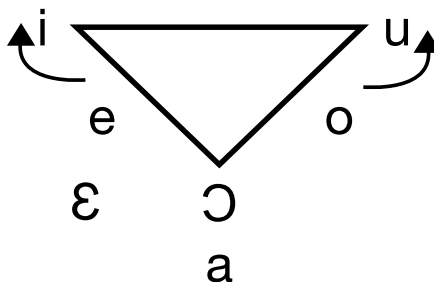


Figura 6.4: Alçamento por metafonia (um grau): de média fechada à alta.

O alçamento pode ser de dois graus. Nos verbos, as altas finais longas fazem com que uma média breve evolua para uma alta, sendo caracterizada, portanto, por uma dupla subida em relação ao correspondente esperado:

- (13) *fērīo* > f[i]ro *dōrmīu* > d[u]rmo
sērūio > s[i]rvo *pōtūit* > p[u]de
sēqūo > s[i]go *cōmplīo* > c[u]mpro

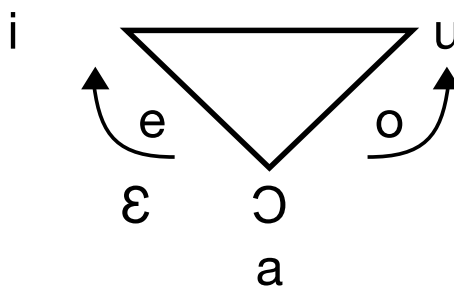


Figura 6.5: Alçamento por metafonia (dois graus): de média aberta à alta.

O fenômeno da metafonia explica o comportamento de vários pares de palavras com flexão de gênero e/ou de número redundante, ou seja, marcada pelo acréscimo de partículas morfológicas específicas (o -s de plural e o -a de feminino) e pela alternância de vogais no radical.

Como se vê nos exemplos a seguir, o masculino caracteriza-se pela presença de vogais fechadas, e o feminino e o plural, de vogais abertas. Câmara Jr. (1976) denomina essa alternância de *submorfêmica*:

(14)	[o]	[ɔ]	[ɔ]
	porco	porca	porcos
	novo	nova	novos
	morto	morta	mortos
	grosso	grossa	grossos
	fogo		fogos
	povo		povos
	ovo		ovos
	osso		ossos

Do ponto de vista histórico, as formas marcadas são as de masculino e singular, uma vez que foram elas – e não as de feminino e plural – que sofreram o fenômeno da metafonia, pois terminavam em vogal alta, gatilho do processo. Formas femininas e plurais não finalizavam em altas; por isso mesmo, as médias breves seguiram o curso normal de evolução, apresentando correspondentes abertos. Desse modo, o termo “plural metafônico” não é inteiramente adequado, numa perspectiva histórica. Observe-se que, em latim, as tônicas eram idênticas:

(15)	masculino	feminino	plural
	<i>pōrcu</i> > p[o]rco	<i>pōrca</i> > p[ɔ]rca	<i>pōrcos</i> > p[ɔ]rcos
	<i>mōrtu</i> > m[o]rto	<i>mōrta</i> > m[ɔ]rta	<i>mōrtos</i> > m[ɔ]rtos
	<i>nōuu</i> > n[o]vo	<i>nōua</i> > n[ɔ]va	<i>nōuos</i> > n[ɔ]vos
	<i>iōcu</i> > j[o]go		<i>iōcos</i> > j[ɔ]gos
	<i>pōpūlu</i> > p[o]vo		<i>pōpūlos</i> > p[ɔ]vos

A metafonia também atuou no sentido de tornar as vogais tônicas mais baixas. Isso ocorreu quando a átona final era /a/, segmento com maior grau de abertura. Nos pronomes femininos, por exemplo, a alta

breve tônica, /i/, deveria apresentar /e/ como correspondente, mas a presença de /a/ na sílaba final promove o abaixamento para /ɛ/:

- (15) *ĩsta* > [ɛ]sta *ĩlla* > [ɛ]la
ĩpsa > [ɛ]ssa *accuĩlla* > aqu[ɛ]la

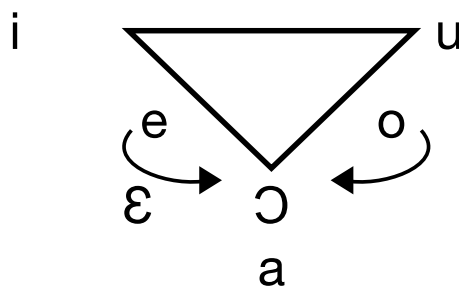


Figura 6.6: Abaixamento por metafonía (um grau): de média fechada à média aberta.

Comportamento semelhante aparece em outras formas cujo resultado seria uma média fechada, haja vista que a forma latina apresentava, na tônica, uma média longa, /ē, ō/:

- (16) *rēgūla* > r[ɛ]gra *hacōra* > ag[ɔ]ra
monēta > mo[ɛ]da *fōrma* > f[ɔ]rma
aphotēca > bod[ɛ]ga *hōra* > h[ɔ]ra

A metafonía foi, portanto, um processo fonológico bastante geral na evolução latim-português, só deixando de atuar quando o alvo do processo (a vogal tônica) aparecia antes de uma geminada, a exemplo do que ocorre com *fērrum* > f[ɛ]rro e *martēllum* > mart[ɛ]lo.

Há, além da metafonía, outra situação que modifica o comportamento das tônicas: o fechamento de médias breves em função da contiguidade com um *glide*, seja ele oriundo de uma oclusiva vocalizada, como nos exemplos a seguir, ou resultante da dissolução de hiatos (*mĕ.u* > m[e]u), alguns formados pela queda de consoantes intervocálicas (*ĕgo* > [e]u):

- (17) *pēctu* > p[e]ito *nōcte* > n[o]ite
rēgnu > r[e]ino *ōcto* > [o]ito
profēctu > prov[e]ito *dōcto* > d[o]utor

Vogais átonas: do latim ao português

Ensina-nos Câmara Jr. (1976) que, com a fonologização do acento de intensidade, há uma gradação de atonicidade entre pretônicas e postônicas, sendo as últimas bem mais débeis que a primeira. Desse modo, é de se esperar que as pretônicas resistam mais à ação das mudanças que as postônicas. De fato, vogais iniciais átonas tendem à manutenção, exceto quando desapoiadas, isto é, quando formam sílabas sozinhas, sem consoante em *onset* ou coda. Nessa situação, o apagamento, isto é, a *aférese*, foi o resultado mais comum:

- (18) *acūme* > gume *inamorāre* > namorar *Olispōna* > Lisboa
inōdio > nojo *attōnitu* > tonto *epīgru* > prego
insānia > sanha *episcōpus* > bispo

Muitas vezes, vogais iniciais desapoiadas, quando /o/ ou /a/, acabaram se confundindo com o artigo definido, inovação do português em relação ao latim. Num claro processo de reanálise, o falante interpreta um nome como um sintagma nominal constituído de artigo + substantivo. Por isso mesmo, processa a decomposição e extrai a vogal inicial interpretada como artigo definido:

- (19) *abbatīna* > batina *aphotēcam* > bodega
opaciūm > baço *horolōgio* > relógio

Acréscimos de vogal inicial também podem ser explicados por analogia, tendo o artigo definido se acoplado ao nome seguinte, num processo chamado **prótese** (20a). Esse mesmo /a/ pode ser oriundo, também, das preposições latinas *ab* e *ad*, que se prefixaram à palavra seguinte, originando uma sílaba (20b):

Prótese

Acréscimo de letra ou sílaba no início da palavra (mostrar > amostrar).

- (20) a. *mōra* > *amora* *minācia* > ameaça
 b. *ad pōst* > após *ad cīma* > acima
 ad maniāna > amanhã *ad illic* > ali
 ad cāntum > acento *ad mirāre* > admirar

Um caso categórico de inserção de vogal inicial é o de /e/ antes do grupo consonantal latino *sC-*, em que C representa uma consoante oclusiva surda (/p, t, k/). Pode-se entender, por esse processo de prótese, que a língua passa a impor restrições a determinadas combinações no interior da sílaba, o que determinará outras mudanças no vocalismo átono, como mostraremos na sequência:

- (21) *stēllam* > estrela *scūtu* > escudo *spātiu* > espaço
 stāre > estar *scālae* > escala *spēcies* > espécies
 spōnso > esposo *spēcūlum* > espelho *spīssu* > espesso

Como a sequência *es-* tornou-se produtiva na língua, muitas palavras de articulação aproximada, por analogia, modificaram suas sílabas iniciais (COUTINHO, 1938, p. 103): *auscultāre* > *ascuitar* (arcaico) > escutar; *abscondēre* > *asconder* (arcaico) > *esconder*; *aestimāre* > *estimar*; *aestīvo* > estio.

Vogais pretônicas mediais podem sofrer apagamento num processo chamado *síncope*. Nesse particular, comportam-se da mesma maneira que as postônicas não finais, estas últimas encontradas em palavras proparoxítonas. Vimos que o latim vulgar evitava proparoxítonas, seja processando a diástole (*tēnēbras* > *tenebras*), seja suprimindo vogais contíguas ao acento (*pūlīca* > pulga).

Vogais átonas mediais, pretônicas ou postônicas, caíram sempre que as condições de boa formação silábica o permitiram, isto é, (1) quando o resultado da queda é um grupo consonântico constituído de líquida (/l, r/) na segunda posição ou (2) quando a consoante dita flutuante (sem lugar na sílaba, devido ao apagamento do núcleo) pode ocupar a posição de coda, nesse caso, /l, n, s, r/. Em (22a), apresentam-se exemplos de pretônicas e em (22b), de postônicas:

(22)	onset complexo	consoante em coda
a.	<i>laborāre</i> > lavar	<i>honorāre</i> > honrar
	<i>aperire</i> > abrir	<i>ueritāte</i> > verdade
	<i>operāriu</i> > obreiro	<i>cabalicāre</i> > cavalgar
	<i>cooperire</i> > cobrir	<i>delicāto</i> > delgado
	<i>comparāre</i> > comprar	<i>bonitāte</i> > bondade
b.	<i>parābōla</i> > palavra	<i>amāricu</i> > amargo
	<i>ōpēra</i> > obra	<i>gēnēro</i> > genro
	<i>rēgūla</i> > regra	<i>uīride</i> > verde
	<i>littēra</i> > letra	<i>cōmite</i> > conde
	<i>āltēru</i> > outro	<i>mānica</i> > manga

Resta tratar, ainda, das postônicas finais. De um modo geral, as vogais se conservaram nessa posição, exibindo o que pode ser chamado de *efeito de borda*: a margem direita da palavra, por vincular-se à flexão, acabou se tornando menos propensa à ação das mudanças, ainda que o quadro de vogais seja reduzido a apenas três segmentos nessa posição (CÂMARA JR., 1976): /a, i, u/. Nesse ambiente, como já abordamos, somente a vogal latina /e/ sofre apócope e dá origem a palavras oxítonas:

(23)	<i>aprīle</i> > abril	<i>rapāce</i> > rapaz	<i>īnrāre</i> > entrar
	<i>amāre</i> > amar	<i>fidēle</i> > fiel	<i>sapōne</i> > sabon

Ditongos: do latim ao português

O latim clássico apresentava duas semivogais: /j/ e /w/. Esses segmentos se consonantizaram, isto é, perderam a articulação vocálica já no latim vulgar, como vimos na aula passada. Além disso, não formavam ditongos na modalidade erudita porque apresentavam valor de consoante. Nessa variedade de latim, só havia quatro ditongos: /æ/, /œ/, /ew/ e /aw/. A tendência para reduzi-rem-se a vogais simples remonta ao próprio latim vulgar, no qual se encontram, no *Appendix Probi*, formas como *celebs* (por *cælebs*), *sepis* (por *sæpis*) e *clostro* (por *claustrum*). O português, comparativamente ao latim, apresenta um número consideravelmente

maior de ditongos, o que nos conduz, de imediato, às seguintes questões: de onde provêm e como foram formados os ditongos decrescentes do português?

Em linhas gerais, todos os ditongos latinos desapareceram no latim vulgar. Os ditongos que surgem nas línguas românicas são, via de regra, derivados de transformações fonéticas, tendo, portanto, origem não propriamente latina. Em português, o ditongo /æ/ monotonga e apresenta dois destinos diferentes conforme a posição que ocupe em relação ao acento. Caso figure em sílaba acentuada, evolui para uma média anterior aberta, [ɛ]; caso esteja em sílaba pretônica, resulta numa vogal alta, [i]:

- (24) *cælu* > c[ɛ]u *cæcu* > c[ɛ]go *fæces* > f[ɛ]zes
 ætāte > [i]dade *æquāle* > [i]gual *ædīliu* > idílio

O ditongo /œ/ não era comum na língua clássica e menos ainda na popular, provavelmente por conta da difícil articulação (posterior-anterior). Esse ditongo evoluiu para /e/, uma vogal fechada, uma vez que seus constituintes são fechados, ao contrário de /æ/, cujo primeiro elemento é aberto. Exemplos como *pæna* > pena e *fædo* > feo (arcaico) > feio confirmam essa mudança.

Relata-nos Coutinho (1938, p. 109) que o ditongo /ew/ também era pouco usual em latim e caracteriza, sobretudo, nomes próprios de origem grega. O autor assinala que essas formas eram monotongadas na variedade popular, realizando-se com [o], num processo fonológico chamado *coalescência*, em que dois segmentos se reduzem a um terceiro, diferente dos primeiros. Nesse caso, a vogal se realiza média, como o núcleo, mas arredondada, como o *glide*. Coutinho oferece-nos os seguintes exemplos, no latim vulgar: *Eulālia* > Olália; *Eugēniu* > Ogênio; *Eusēbiu* > Osébio. No substantivo comum *lēuca*, houve, após a sonorização da surda intervocálica (/k/ > /g/), **metátese**, o que resultou em *légua*.

Metátese

Inversão na posição de segmentos, por exemplo, *rābia* > *ravia* > raiva; *tābua* > *tauba*.

O ditongo mais produtivo do latim foi, sem dúvida alguma, /aw/. Silva Neto (1992, p. 197) observa que, “em certas regiões da Itália, onde o latim se sobrepôs a certos falares itálicos, preponderaram formas locais em que *au* se reduzia a *o*. Com a expansão dos romanos, muitas delas lograram difundir-se pelo império”. Ressalta, ainda, que, nessa época,

tinha também operado “a vocalização do *l* depois de *a*, que levou igualmente à constituição do ditongo *au*”: *altāriu* > *autairo* > outeiro; *āltēro* > *autro* > outro.

A monotongação de /aw/ através do já aludido fenômeno da coalescência foi um dos processos mais repudiados pela aristocracia, sendo encarado como típico da fala da plebe. Coutinho (1938, p. 109) relata-nos uma engraçada história envolvendo esse fenômeno:

Conta Suetônio que, tendo Mestre Floro advertido a Vespasiano de que não deveria pronunciar *plostrum*, mas *plaustrum*, aproveitando-se da má lição, o imperador o cumprimentou no dia seguinte, chamando-o de *Flaurum*.

Essa pequena narrativa mostra que a coalescência em [o] era a realização mais típica do ditongo latino /aw/, tanto é que formas como *pau-pěre* e *auricūla* chegam ao português como *pobre* e *orelha*, respectivamente, ambas com uma vogal média na primeira sílaba. A forma /aw/, no entanto, por assimilação da semivogal, resulta no ditongo /ow/, que, no entanto, até hoje, alterna com a vogal [o]:

- (25) *thesauru* > tesouro *auru* > ouro *raucu* > rouco
 pausāre > pousar *tauru* > touro *pauco* > pouco
 causa > cousa *lauru* > louro

As duas últimas palavras de (25) alternaram o ditongo para /oj/. No caso de *lauru* > louro ~ loiro, a alternância [ow] ~ [oj] é até hoje encontrada. Coutinho (1936) observa que essa realização, muito comum no português arcaico, como em *agoiro*, *tesoira* e *estoiro*, pode ter acontecido por influência do árabe, durante a invasão muçulmana na Península Ibérica (a partir do séc. VIII d.C.).

A grande variedade de ditongos decrescentes do português não tem, portanto, origem propriamente latina. Nossos ditongos surgem da atuação de processos fonológicos específicos, como veremos a seguir.

A formação de ditongos

Diferentes processos fonológicos explicam a existência da variedade de ditongos decrescentes orais e nasais que o português apresenta. Um deles, bastante discutido na aula anterior, é a síncope de consoantes alveolares intervocálicas. Com a queda da consoante, surge um hiato, posteriormente desfeito pela formação de uma sílaba em que a segunda vogal passa à assilábica (torna-se *glide*):

- (26) *mālu* > mau *uādit* > vai *cælu* > céu
dēdit > dei *uādu* > vau > vou *uēlum* > véu
inclūdit > inclui *grādu* > grau *uanitātem* > vaidade

A queda da consoante intervocálica pode deixar duas vogais adjacentes. Como os hiatos tendem a ser desfeitos ao longo da história do português, um *glide* anterior, /j/, é inserido entre as vogais, de modo a separar o hiato por meio do ditongo decrescente /ej/:

- (27) *crēdo* > *creo* > creio *tēla* > *tea* > teia *frēnu* > *frēo* > freio
arēna > *arēa* > areia *fēdu* > *feo* > feio *plēnu* > *chēo* > cheio

Outro processo responsável pela formação de ditongos decrescentes com /j/ é a vocalização de consoantes oclusivas que, ao contrário do latim, não podem, em português, aparecer na posição de coda. Essa restrição ao preenchimento da coda, agora ocupada apenas por /l, r, n, s/, certamente foi responsável pela transformação das consoantes no *glide* anterior:

- (28) *fācto* > feito *concēpto* > conceito *rēgnu* > reino
nōcte > noite *frūctu* > *fruito* (arc.) > fruto *ōcto* > oito

Outro processo que justifica o aumento de ditongos decrescentes em português foi a metátese, isto é, a inversão de segmentos:

- (29) *rābia* > *ravia* > raiva *capiam* > *cabia* > caiba *sapiam* > *sabia* > saiba
cāpui > *caube* > coube *hābui* > *hauve* > houve *sāpui* > *saube* > soube
bāseu > *basio* > baijo > beijo *cāseu* > *caseo* > caijo > queijo

Por metátese, originou-se um dos sufixos mais comuns e polissêmicos da língua: *-eiro*, oriundo de *-ariu(m)*. O sufixo latino *-ariu(m)* chega ao galego-português na forma de *-eiro* após sofrer dois processos fonológicos: metátese (inversão na ordem do tepe, de antes para depois de /i/) e alteamento vocálico (elevação da vogal baixa /a/, que passa à média /e/), processo que afetou praticamente todas as formas evoluídas de /aj/, a exemplo de *lācte* > *laite* > leite e *fāctu* > *faito* > feito. Entre as terminações *-ariu* e *-eiro*, há registros de uma forma intermediária, *-airo*, pouco documentada, aparecendo, nos textos da época, em palavras como *contrairo* e *vigairo*, posteriormente reanalisadas como *contrário* e *vigário*, por conta do reingresso das formas X-*ariu(m)* por via erudita (séculos XV/XVI).

- (30) *primāriu* > *primairo* > primeiro *librāriu* > *livrairo* > livreiro
ferrāriu > *ferrairo* > ferreiro *denāriu* > *dñairo* > dinheiro
op(e)rāriu > *obrairo* > obreiro

Resta, por fim, abordar a situação dos ditongos nasais. Como vimos na aula passada, o apagamento da nasal alveolar, /n/, deixa contíguas duas vogais, sendo a primeira delas nasalizada. Caso a seguinte seja alta ou alteável, o resultado será um ditongo decrescente nasal:

- (31) *grānu* > grão *mānu* > mão *plānu* > chão
cānes > cães *limōnes* > limões *mānos* > mãos

O ditongo *-ão*, no entanto, provém de várias terminações latinas, como enfatizamos na aula anterior. Uma delas, já retomada aqui, é a apócope do /e/ antes de alveolares, o que inclui a nasal /n/, a exemplo de *sapōne* > *sabon* e *pāne* > *pan*. Desse modo, singular e plural são explicados, historicamente, por processos fonológicos diferentes: apócope

de /e/, no singular, e síncope de /n/, no plural. No singular, todas as formas terminadas em *-n* desenvolveram, com o tempo, o ditongo *-ão* (pão, sabão), o que resultou num singular uniforme, tanto para os casos oriundos de síncope (*mānu* > mão) quanto para os desenvolvidos a partir da apócope (*sapōne* > *sabon* > sabão).

Temos, hoje, três formas de plural, porque a fonologia histórica acabou impondo diferentes mudanças morfofonêmicas para pares de flexão de número. Vale lembrar que essa mudança é encaixada: as terminações de plural – *-ãos*, *-ães* e *-ões* – são ocasionadas pelas diferentes combinações de vogais resultantes da queda da nasal, como se observa nos exemplos a seguir:

- (32) *grānus* > grãos *mānus* > mãos *ōrphānus* > órfãos
pānes > pães *capitānes* > capitães *cānes* > cães
leōnes > leões *pauōnes* > pavões *sapōnes* > sabões

Em relação ao gênero, a mesma questão se coloca, pois formas masculinas em *-ão*, oriundas de diferentes terminações latinas, podem apresentar femininos correspondentes em *-oa* ou em *-ã*. As formas de feminino se caracterizaram pela síncope da nasal intervocálica, que, como apontamos, deixa duas vogais contíguas, criando uma situação de hiato. Se as vogais são diferentes, como em (33a), a nasalidade se desfaz e a terminação do feminino é *-oa*; caso as vogais adjacentes sejam idênticas, a nasalidade se mantém e o resultado é uma forma feminina em *-ã*:

- (33) a. *leōne* > *leon* > leão; *leona* > *leõa* > leoa
patrōnu > *patrõu* > patrão; *patrona* > *patrõa* > patroa
leitōne > *leiton* > leitão; *leitōna* > *leitõa* > leitoa
- b. *ōrphānu* > *orfãu* > órfão; *ōrphāna* > *orfãa* > órfã
capitāne > *capitan* > capitão; *capitāna* > *capitãa* > capitã
pagānu > *pagãu* > pagão; *pagāna* > *pagãa* > pagã

Conclusão

Como ressaltamos ao longo da exposição, foram muitas as transformações das vogais do latim para o português, e várias tiveram repercussão em outro componente, o morfológico. A perda da duração como propriedade contrastiva foi compensada pelo ganho de novas conquistas fônicas: o acento de intensidade e a oposição de abertura nas médias. Além disso, muitas mudanças efetuadas ao longo do tempo são encontradas hoje na forma de variações linguísticas, como é o caso da alternância entre *-ão* e *-on*, em palavras como *salmão* ~ *salmon* e *parmesão* ~ *parmeson*. A metátase também é comum em realizações como *tauba* (por *tábua*), do mesmo modo que são ouvidas, ainda hoje, pronúncias como *louro* e *loiro*.

Atividade 1

Atende ao objetivo 1

1. Explique o condicionamento que justifica as diferentes evoluções dos segmentos listados a seguir (os pontos indicam fronteira de sílaba):

(a) o ditongo /-æ/

cae.cu > cego

praes.tu > presto

sae.ta > seta

ae.ta.te > idade

ae.qua.le > igual

(b) a vogal média anterior breve /ě/

pě.tra > pedra

mě.le > mel

mě.tum > medo

fě.rio > firo

sě.quo > sigo

pode aparecer na posição de coda. A presença de /i/ após a nasal promove a palatalização desse segmento, sendo assimilada por ele, originando um /ɲ/. Por fim, a primeira vogal da palavra, por ser longa, apenas perde a quantidade, realizando-se fechada. O resultado final, após todos os processos, é *vergonha*.

Com *cicōnea*, com acento na sílaba *cō*, a surda intervocálica se sonoriza e passa a /g/. A consoante inicial, embora seja igual à segunda em latim, está diante de /i/, sofrendo, com isso, uma anteriorização (passa de velar à alveolar) e africativização (assume a forma de /ts/). Após perder o início oclusivo, o segmento em questão evolui para /s/, uma fricativa. No que diz respeito às vogais, a tônica, após a perda da quantidade, realiza-se fechada (/o/) e a pretônica, por ser breve, desce um grau, chegando ao português como uma média fechada, /e/. Por fim, o hiato final é desfeito com o alçamento da primeira vogal que, ao se realizar alta, promove a palatalização da nasal, sendo por ela assimilada. A forma correspondente em português é, portanto, *cegonha*.

A palavra *uirīde* é uma proparoxítone em latim (clássico), uma vez que a penúltima sílaba é aberta (não tem coda) e tem núcleo preenchido por vogal breve. Essa vogal é realizada como média, /e/, em decorrência da associação da quantidade pela altura. A primeira postônica sofre síncope, uma vez que são boas as condições de ressilabificação (a consoante precedente, /r/, pode ser coda). Com a queda da vogal, destrói-se o ambiente intervocálico e a oclusiva sonora se mantém. Por fim, o *glide* inicial se consonantiza, passa a /v/. Com a atuação desses processos, o resultado final é *verde*.

A paroxítone *cātēna* tem sua oclusiva surda sonorizada no ambiente intervocálico. Com a perda da quantidade, as vogais longas se realizam fechadas, o que explica a correspondência total, nessa palavra, entre as vogais do latim e do português. A nasal intervocálica sofre síncope e nasaliza a vogal precedente. A nasalidade, no entanto, não se mantém, porque as vogais são diferentes. O hiato final promove a inserção do *glide* anterior, /j/, separando as vogais por um ditongo decrescente. Essa forma, portanto, evolui para *cadeia*, já que a consoante inicial se mantém inalterada.



Atividade 2

Atende ao objetivo 2

1. Sabe-se que o português apresenta um número elevado de ditongos decrescentes. O latim vulgar, no entanto, segundo comentam os gramáticos históricos, só dispunha do ditongo /ow/, que alternava com a vogal simples /o/ (*taurus* > touro ~ toro). Levando em conta o *corpus* abaixo, explique o surgimento de alguns ditongos decrescentes do português, analisando a evolução dos segmentos consonantais.

<i>cēna</i>	<i>auēna</i>	<i>crīstānu</i>	<i>grādu</i>	<i>malum</i>
<i>cānes</i>	<i>papēles</i>	<i>prōfēctu</i>	<i>rēgnu</i>	<i>capitanes</i>

2. Os dados abaixo, todos do latim clássico, apresentam a mesma vogal tônica nas formas singulares e plurais. Em português, no entanto, há o que Câmara Jr. (1976) chama de alternância submorfêmica: o plural é caracterizado tanto pelo acréscimo de -s quanto pela mudança no timbre vocálico. Que fato histórico explica esse comportamento sincrônico? Explique-o com base nos dados abaixo e mostre que as descrições sincrônica e diacrônica diferem em relação à forma considerada marcada.

<i>pōrcu</i> > p[o]rco	<i>pōrcos</i> > p[ɔ]rcos
<i>iōcu</i> > j[o]go	<i>iōcos</i> > j[ɔ]gos
<i>mōrtu</i> > m[o]rto	<i>mōrtos</i> > m[ɔ]rtos
<i>ōuu</i> > [o]vo	<i>ōuos</i> > [ɔ]vos
<i>nōuu</i> > n[o]vo	<i>nōuos</i> > n[ɔ]vos

Resposta comentada

1. Os ditongos se explicam pela queda das soantes intervocálicas, como em *malum* > mau, e pela queda de /d/ nesse mesmo ambiente, como em *gradu* > grau. Também se explicam pela vocalização das oclusivas /k, g/ em coda silábica, a exemplo de *regnu* > reino. Os ditongos nasais surgem por conta da síncope de /n/ intervocálico. A queda de /l/ justifica o aparecimento do ditongo /ɛj/, somente encontrado nas formas de plural.

2. O chamado plural metafônico é, na verdade, resultado do processo de metafoia nas formas de singular, uma vez que foram elas, por apresentarem vogal final alta, que tiveram o timbre da tônica fechado. As formas de plural terminavam, em média, impedindo a aplicação da regra. Numa perspectiva sincrônica, as formas de plural, por serem uma expansão morfológica do singular, são as consideradas marcadas. No entanto, historicamente, as formas marcadas são as de singular.



Atividade 3

Atende ao objetivo 3

1. Discuta a veracidade das afirmações a seguir, tendo em vista o estabelecimento de um confronto sistemático entre o latim clássico e o latim vulgar no que diz respeito ao componente fonológico:

- a) O acento do latim vulgar passou a fonológico, uma vez implementada a perda da quantidade vocálica como traço fonologicamente relevante.
- b) A perda da quantidade levou ao surgimento de um sistema vocálico que, em vez de três, distingue quatro graus de altura, estabelecendo oposição entre dois tipos de vogais médias.

2. As formas *īn.tě.gru*, *uī.rī.de* e *cō.lŭ.bra* são proparoxítonas no latim clássico, uma vez que a penúltima sílaba, em todos os casos, é aberta (não apresenta coda) e tem vogal breve no núcleo. A forma *mū.lĭě.re*, por sua vez, é paroxítona por apresentar encontro vocálico na penúltima sílaba. No latim vulgar, as três proparoxítonas são realizadas como paroxítonas, sendo que *īn.tě.gru* e *cō.lŭ.bra* sofreram diástole por apresentarem *onset* complexo na sílaba final. A palavra *uī.rī.de* é caracterizada pela síncope da primeira postônica, tendo em vista as condições de ressilabificação (a consoante precedente, /r/, pode ser coda). A forma *mū.lĭě.re*, por sua vez, é realizada como oxítona, uma vez que a vogal final sofre apócope por figurar depois de uma alveolar. Em português, essas palavras mantêm o acento do latim vulgar, pois evoluíram para *inteiro*, *verde*, *cobra* e *mulher*.

Resumo

Fez-se, nesta aula, a apresentação das mudanças do latim ao português no que diz respeito às vogais. Vimos que é extremamente importante, para a descrição dos processos fonológicos envolvendo tais segmentos, observar a posição da vogal em relação ao acento. Observamos as seguintes tendências na passagem do latim ao português: a releitura da quantidade pela abertura, a criação de diferentes quadros de vogais em conformidade com o acento e a formação de vários ditongos.

O latim vulgar não conservou a oposição de quantidade do latim clássico e inovou em relação a essa variedade no que diz respeito ao ritmo, que passou de silábico a acentual. A fonologização do acento de intensidade levou a uma série de alterações no vocalismo átono já no próprio latim vulgar. Em primeiro lugar, com a apócope do /e/ final, criou-se o acento oxítono. Em segundo lugar, a rejeição a proparoxítonas levou a uma série de apagamentos vocálicos, como atesta o *Appendix Probi*, principal fonte de reconhecimento da língua falada durante a expansão do Império Romano.

A oposição de quantidade foi desfeita no latim vulgar e, consequentemente, no português. Desse modo, as longas tenderam ao alçamento e as médias breves evoluíram para abertas, o que levou à criação de /ɛ, ɔ/. Por fim, os ditongos do português não têm origem nos do latim, uma

vez que os existentes nesta língua foram desfeitos. A variedade de ditongos que o português apresenta se justifica pelos seguintes processos:

(a) síncope de consoantes alveolares intervocálicas (*mălu* > mau; *uădit* > vai; *călu* > céu);

(b) desfeitura de hiatos com a inserção de um *glide* anterior, /j/ (*crēdo* > *creo* > creio; *tēla* > *tea* > teia);

(c) vocalização de consoantes oclusivas (*fācto* > feito; *ōcto* > oito);

(d) metátese (*rābia* > ravia > raiva; *primāriu* > primeiro).

Informação sobre a próxima aula

Na próxima aula, retomaremos alguns aspectos do vocalismo e do consonantismo latino-português, com vistas a abordar, mais detidamente, os processos fonológicos de maior relevância à descrição das mudanças que se operaram na língua. Procuraremos, sobretudo, estabelecer uma possível cronologia para esses processos, observando, também, aspectos da história externa que possam ajudar a compreender as alterações no sistema fonológico do latim ao português.

Referências

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1938.

FARIA, Ernesto. *Fonética histórica do latim*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1970.

MAURER JR., Teodoro H. *O problema do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1962.

RITMO. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2016. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Ritmo&oldid=45912507>>. Acesso em: 1 ago. 2016.

SILVA NETO, Serafim da. *História da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Presença, 1992.

SILVEIRA, Souza da. *Lições de português*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1964.

RONDININI, Roberto Botelho. *O acento primário no latim clássico e no latim vulgar: o tratamento da mudança na perspectiva da Teoria da Otimidade*. 2009. 183 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa)–Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

TARALLO, Fernando. *Tempos lingüísticos: itinerário histórico da língua portuguesa*. São Paulo: Ática, 1990.

ZÁGARI, Mario. *Fonologia diacrônica do português*. Juiz de Fora: Ed. da Universidade, 1988.

